

## PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: UMA CONVERSA

Jane Patricia Haddad

Resumo:

Nos últimos anos, aceitei o desafio em trabalhar no cenário “formação” de professores, em diversos estados do Brasil, onde busco uma interlocução entre Psicanálise e Educação, tendo como desafio principal: **refletir a função da família contemporânea frente ao mundo virtual em que seus filhos estão conectados e atentos. De que forma os adultos estão exercendo sua função de autoridade?** Estas são algumas das questões que eu gostaria de debater com este artigo.

Depois de tantos textos lidos, palavras escutadas junto a professores, pais e adolescentes, venho refletindo de que forma minha experiência na educação além do meu processo de análise pessoal e a constante formação em psicanálise podem contribuir para uma conversa. O que a Psicanálise tem a dizer à Educação quando esta é convocada? Sobretudo quando pais e mães encontram-se fragilizados em suas funções. No resumo deste artigo, coloquei duas questões como desafio, já que meu desejo é abrir uma conversa frente ao tema proposto.

Entendo a família é o representante significativo da cultura, desempenhando uma função fundamental na transmissão das leis, de conceitos de descendência e de parentesco, e também de herança e sucessão conforme podemos acompanhar em Lacan:

“A família surge inicialmente como um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a geração, que dá os componentes do grupo; as condições do meio que o desenvolvimento dos jovens postula o que mantém o grupo na medida em que os adultos geradores asseguram sua função” (LACAN<sup>1</sup>, 1987, p. 11-12).

Para Freud todo ser humano tem sua origem advinda de um pai e uma mãe, não tendo como escapar dessa triangulação que constitui o centro do conflito humano. Sendo essa triangulação que perpassa por toda a vida do sujeito, tal experiência é que definirá a estrutura psíquica do indivíduo. Quem hoje na contemporaneidade está assegurando tal função? “Entre todos os grupos humanos,

---

<sup>1</sup> LACAN, J. **Os Complexos Familiares na formação do Indivíduo**. Ensaio de análise de uma formação em Psicologia. Jorge Zahar Editor, 1987.

a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura” (LACAN, 1987, p. 13) que será baseada nas primeiras interdições e leis que estes deverão exercer como autoridade estabelecida, na qual as relações de parentesco e suas formas de descendência de filiação e laço social.

A grande questão contemporânea que vem sendo discutida junto à educação é referente à família e sua mudança estrutural, não mais reconhecida apenas como família tradicional, composta por pai e mãe e filho (s). Hoje já convivemos com outras estruturas como: mono parentais; casais homo afetivos; famílias recompostas com padrastos e madrastas, e filhos de ambos; mulheres solteiras que buscam a adoção de embriões; homens e mulheres que adotam filhos sozinhos ou mesmo a produção independente. No entanto à função do pai e da mãe continuam (ou deveriam continuar) funcionando independente de suas novas configurações. Entendo que toda instituição (família, escola) é composta de adultos, que podem e devem representar a lei dentro do grupo social. É nesse contexto que devemos pensar as novas configurações, lembrando o que muito bem coloca o Psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli em seu artigo<sup>2</sup> referente às novas configurações familiares: mitos e verdades:

(...) O modelo de família tradicional nunca foi sinônimo de “normalidade”, o autor discute o que é realmente necessário para que a inserção no simbólico ocorra, ou seja, para a sobrevivência psíquica da criança, e isto independentemente dos protagonistas da organização familiar que acolhe o recém-nascido quando de sua chegada no mundo (CECCARELLI, 2007, p. 1).

### **DO ONTEM A HOJE, NEM MELHOR NEM PIOR:**

O cenário abaixo é uma ilustração de algumas cenas que venho vivenciando e escutando. Ontem crianças brincavam, hoje pilotam seus celulares e Ipad(s), I pod(s); festas de aniversários eram momentos de reunir familiares, hoje é momento de priorizar as “princesas” que irão entrar na limousine cor de rosa e serem conduzidas para um salão de festas onde receberão roupões, maquiagens e unhas

---

<sup>2</sup> Novas configurações familiares: mitos e verdades. *J. psicanal.*[online]. 2007, vol.40, n.72, pp. 89-102. ISSN 0103-5835. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352007000100007&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352007000100007&script=sci_abstract). Acessado 11 de janeiro de 2015.

feitas (vale ressaltar que essas princesas tem 7- 8 anos), sempre acompanhadas de muitas selfies para comprovar o momento. Antes o jovem sonhava e programava seu futuro, hoje ele relata não querer pensar nem no presente que dirá no futuro. Ontem as meninas adolescentes sonhavam com o primeiro baile, hoje se realizam com os silicones nos seios e cirurgias plásticas, antes os meninos adolesciam hoje adoecem seus músculos bem definidos. Antes os pais tinham prioridade na programação de uma única TV, hoje cada TV tem seu dono e cada dono o seu quarto e cada quarto um adolescente, habitando o seu “porto seguro”, geralmente conectado em seus celulares “presos” 12 – 20 horas silenciados em seu “quarto seguro”, geralmente esse último perfil são de adolescentes que escapam ao lema: “apareça e exista” logo, são “deletados” no mundo real pelos seus pares ou sofrem perseguições através de cyberbullying.

Venho escutando recorrentemente pais sustentando lamentos do tipo: “Na minha época não era assim”; “Dou tudo para meu filho e não sei o que acontece” “Temos que trabalhar e não podemos perder tempo”, “O sucesso escolar dele é o mínimo que esperamos”, “Eu já falei para ele, que se ele passar na Universidade Federal, o dinheiro que eu pagaria eu revento para ele”... Professores lamentam: “Os alunos não sabem respeitar regras e não nos reconhecem como autoridade”, “Temos medo dos adolescentes, eles são muito agressivos e cheio de vontades”, “Não me indisponho com meus alunos, deixo (mesmo) eles tomarem conta”, “A nova geração não quer nada com nada” e assim seguem professando sobre uma geração estranha a eles. No mês de abril, eu tive um encontro com professores da rede pública de Belo Horizonte, onde o tema de discussão foi o vídeo<sup>3</sup> postado por uma aluna em que o protagonista da cena era um jovem, seu colega de 14 anos e sua professora, o episódio ocorreu na biblioteca da Escola Estadual Dom Jose de Haas, em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. O estudante xinga a professora, joga os livros dela no chão, dá tapas e, não satisfeito, ainda passa a mão nas partes íntimas da educadora. As agressões são testemunhadas, filmada e postada nas redes sociais pelos colegas, que riem. O jovem joga os livros no chão e dá ordens a professora: "Vai pegar agora", "Está com medo de se sentir ofendida"? "Não vai falar nada"? "Você está tremendo, querida"? "E se eu pegar nos seus

---

<sup>3</sup> <http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2015/05/aluno-e-afastado-de-escola-em-aracuai-apos-agredir-professora.html>. Notícia acessada: 16 de abril de 2015.

peitos? “Vagabunda”. Diante das agressões, a professora também perde o controle, xinga e chega a dar um tapa no aluno.

A Superintendência Regional de Ensino foi chamada a se pronunciar sobre o caso: “Em 2014 o aluno esteve internado no Centro Psíquico de Adolescência e Infância (Cepai Fhemig) em Belo Horizonte, por apresentar um retardo mental leve, com comprometimento do comportamento e necessidade de vigilância e tratamento. O estudante foi liberado pelo médico psiquiatra em 16 dias, após atestar que ele estava reagindo de forma satisfatória aos medicamentos”. A escola ao ser procurada pela imprensa, disse que: “não pode ser responsável por todos os problemas dos alunos. É preciso que haja um envolvimento da família e da sociedade. Somos agregadores de conhecimento, mas a educação precisa começar e ser exercitada em casa”. A diretora da escola completa: “Estamos de pés e mãos atadas”. Depois da repercussão do caso, o pai se pronunciou alegando ser separado da mãe e desde então não obteve mais notícias do comportamento do filho. O pai ainda alegou que seu filho já teve o diagnóstico de “retardo leve”. Já a professora, solicitou seu afastamento como tantos outros professores que não puderam fazer uso da palavra.

Como pensar a situação acima? Adolescentes, já chegam à escola marcados por uma história frágil na família, com modelos frágeis e muitas vezes tal ato pode ser a representação de um pedido de ajuda. Que recursos internos esse adolescente traz em sua história de vida?

Venho acompanhando um desamparo por parte dos professores frente a ocorridos como esse. Fato é que esse adolescente como todos os outros são fruto de uma família (independente de sua configuração) que, por sua vez, se insere em uma sociedade. Quem é esse adolescente cujo pai não tem mais notícias “desde que se separou da mãe”?

Tenho uma questão que trago em minhas reflexões e possivelmente irei desenvolvê-la em um outro trabalho: Afinal, não somos todos nós filhos ADOTIVOS?

### **ALGUNS OUTROS SINAIS DE VIDA EMITIDOS POR PAIS E FILHOS:**

No mês de março fui fazer uma conferência para pais de uma escola privada na cidade de Curitiba, uma mãe pediu a palavra e disse: “Você poderia pedir à

diretora que retire o pipoqueiro da porta da escola”? Respondi que não havia entendido, e a mãe repetiu: “Todos os dias ao sair da escola, minha filha arruma um escândalo porque quer pipoca. E a obrigação é da escola, já que ela mantém um pipoqueiro lá”.

Ana: 17 anos me diz: “Estou P... com minha mãe, todo churrasco que faço no prédio, ela “toma todas” e me faz passar vergonha, no último churrasco, meu amigo teve que ajudá-la a subir. Passei o maior carão. E quando eu reclamo com ela, sabe o que ela fala? Você deveria me agradecer, pois sou sua amiga”. E Ana completou: “Eu quero uma mãe e não uma amiguinha que toma porres com meus amigos”.

R. 20 anos. Relata sobre sua imersão frente aos jogos virtuais: “matar para ganhar” é assim que gosto de viver entre meus jogos virtuais, assistido em tempo real pelos meus “amigos”. “Ali eu me sinto vivo”, “sinto um alívio na dor que não consigo explicar”. Em seguida ele diz: desde os 12 anos que não agüento conviver ENTRE meus pais separados, eles pensam que sou moleque de recados e na verdade eu fico levando e trazendo mesmo, assim eles “me compram” eu ganho minha paz.

F. 32 anos, pai de dois meninos, P. 7 anos e J. 9 anos. F. foi abandonado pela esposa há dois anos. A mulher saiu de casa para viver com seu personal com 22 anos, desde então ela pouco vê os filhos e passa a maior parte do ano viajando. As crianças caíram em seu rendimento escolar e pouco se relacionam com os colegas e familiares. Os dois passam a tarde com suas Babás e imersos em seus computadores. F. diz: “Eu quero que aquela P... suma mesmo. Dos meus filhos cuido eu” e completa: “você tem que conversar com eles, pois no mês passado eu fiz um quarto para cada um que me custou sessenta mil reais. A única coisa que peço é que eles estudem”.

Com esses recortes, é possível reconhecemos a fragilidade instalada em muitas famílias contemporâneas, independente de sua configuração. Seria um sintoma contemporâneo pela via da identificação?

As famílias passam sim por profundas e rápidas transformações, houve uma mudança, houve uma mudança no papel da mulher frente às novas demandas do

mercado, uma família antes conhecida por sua hierarquia vertical em que (bem ou mal) havia um modelo em torno do pai como lei na conhecida família patriarcal. O pai (função) de lei, aos poucos cede lugar às “novas” configurações familiares em uma “hierarquia” horizontal, quase (em redes) de afinidades, cooperação, negociação e também de barganhas com diversas parcerias. Seria esse o ponto? Acredito que não, o que vejo (mesmo que provisoriamente) é uma confusão e indefinição por parte dos pais que de alguma forma testemunharam muitos casamentos do “até que a morte nos separe” ao “to saindo fora”, do “tudo que eu não pude ter, vocês terão”. A sensação que tenho hoje é que as novas gerações estão entregues aos próprios desejos, sem uma lei clara que possa impedi-los de gestos destrutivos consigo mesmo e com o outro. Como as novas gerações serão capazes de escutar um “não faça isso”? Não seria essa uma senha para a cultura?

#### **TECENDO A MANHÃ<sup>4</sup>**

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos (...).

Ainda que estejamos imersos em uma sociedade em transformação com conquistas das mulheres, com os casamentos gays, com as relações mais autênticas, com a educação para todos, com o acesso a tecnologia e com diminuição das fronteiras, ainda assim o sujeito não escapará, o retorno do recalçado é certo.

Quem são os modelos identificatórios para as novas gerações? Quem são os adultos? Sejam eles na função materna ou função paterna, o a meu ver não foi e

---

<sup>4</sup> JOÃO CABRAL DE MELO NETO, TECENDO A MANHÃ.

não é garantido apenas nas famílias dita “tradicional”. *“A identificação é concebida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”* (FREUD<sup>5</sup>, 1921, p. 115).

Independente das “novas” configurações o que as novas gerações irão herdar de seus pais? Talvez encontremos nessas duas instituições, escola e família, a chave para pensarmos as novas gerações. *“A parceria escola-família consiste em reconhecer a parte de cada ator, não a “melhor parte”, mas simplesmente uma parte de responsabilidade. A humanidade não é um bolo a ser dividido entre guloseimas ou voracidade”* (GUILLLOT<sup>6</sup>, G. 2008, p. 60) e muito menos a humanidade não é algo a ser DELETADO.

---

<sup>5</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego**. Vol XVIII. (1921) Imago, 1996.

<sup>6</sup> GUILLLOT, Gérard. **O resgaste da autoridade em educação**. Porto Alegre, 2008.